



## E VOCÊ, PARA ONDE DIRIGE O OLHAR?



**Irmãos  
das Escolas  
Cristãs**

La  Salle



**Irmãos  
das Escolas  
Cristãs**

**La**  **Salle**

© Ph Marco Amato



**Reflexão Lassalista Nº 9**  
**E você, para onde dirige o olhar?**

Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs  
Casa Generalícia, Roma, Itália

**Autor**

Ir. Daniel Niño, FSC

**Tradutor**

Ir. Hugo Bruno Mombach, FSC

**Editor**

Ir. Alexánder González, FSC

**Coordenação editorial**

Ilaria Iadeluca

**Diagramação e design**

Giulia Giannarini

**Produção editorial**

Escritório de Informação e Comunicação  
da Casa Generalícia, Roma, Itália:  
Ilaria Iadeluca, Giulia Giannarini,  
Fabio Parente, Óscar Elizalde



**DNA**  
**LASSALISTA**

E VOCÊ, PARA ONDE  
DIRIGE O OLHAR?

# 1. (RE)ENCONTRAR O IRMÃO



# “ ONDE ESTÁ O SEU IRMÃO? ”

É a pergunta com a qual o Conselho Geral quis inquietar e reavivar o compromisso de todos os Lassalistas por meio do *Projeto Fermento*. Essa pergunta tem o objetivo de nos deixar desconfortáveis, de nos mover, de nos ajudar a discernir nosso lugar nas diferentes esferas em que nos movemos e agimos (PF, 7). Mas o fato de nos perguntarmos “onde estão nossos irmãos e irmãs” pressupõe que eles estão fora de nossa vista.

Talvez também valha a pena nos perguntarmos:

**para onde estamos**

**olhando, a ponto de não**

**vermos mais nossos**

**irmãos e irmãs?**

Dois elementos podem orientar uma tentativa de resposta:

Por um lado, a propósito do olhar, as Regras Comuns dos Irmãos de 1718 afirmavam que o espírito de fé deveria nos levar “a não olhar para nada, a não ser com os olhos da fé” e “a não fazer nada, a não ser com os olhos fixos em Deus”. Nesse fragmento muito importante de nossa história e tradição, olhar é um aspecto fundamental: aponta para um caminho

e um princípio de ação. No entanto, não há nenhuma explicação adicional, como se estivesse pressupondo um entendimento tácito do que essas expressões queriam significar

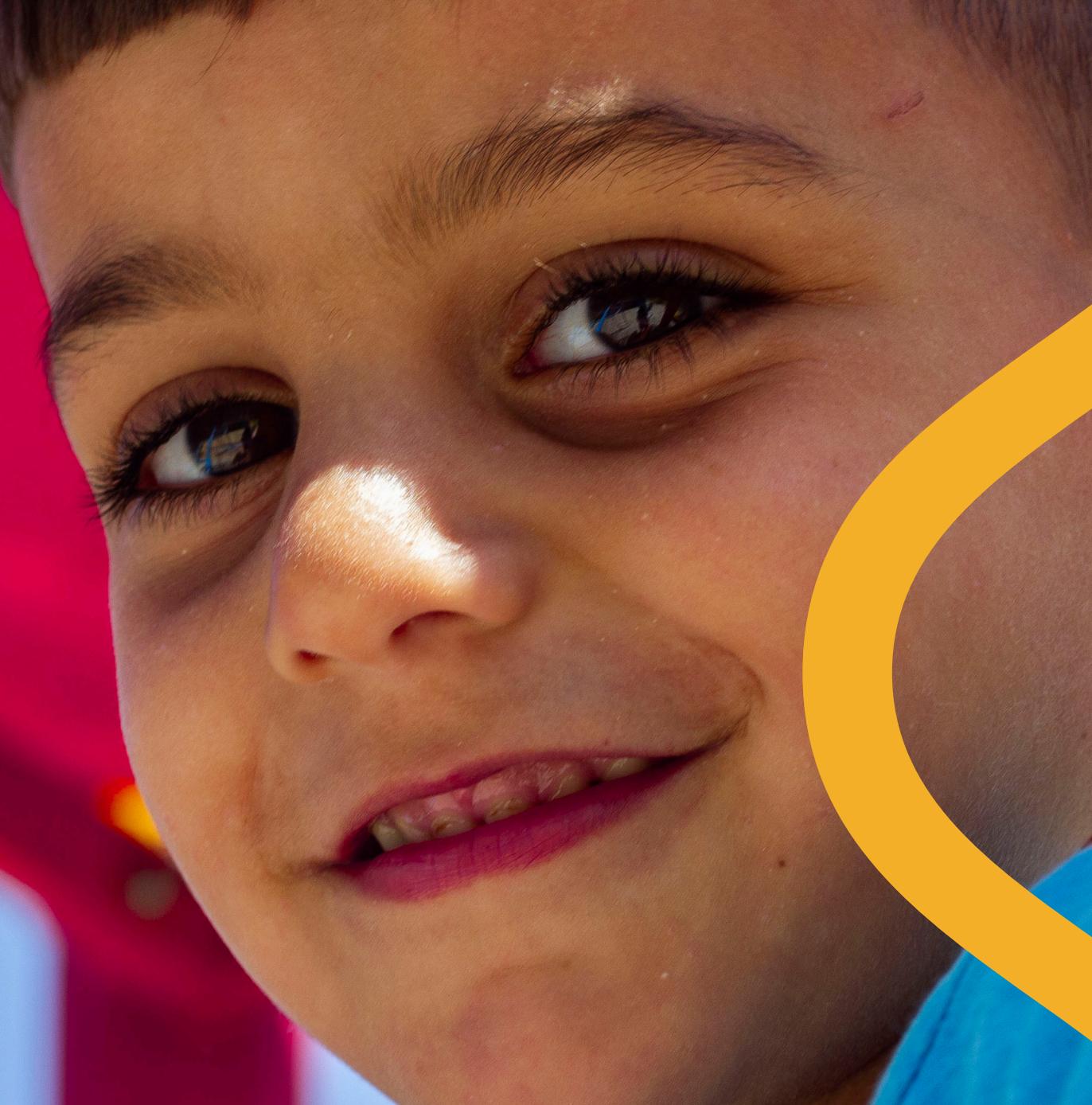
Por outro lado, na antropologia da tradição bíblica, o cérebro não é o centro pensante do ser humano, mas os olhos e o coração. Esses dois, juntos, são a fonte do pensamento emocional. De fato, o olhar é a porta de entrada para o pensamento,

permitindo-nos entender e assimilar a realidade. Portanto, ser cego ou incapaz de ver claramente simbolizam a impossibilidade de pensar, bem como ter um coração duro. Dessa forma, é compreensível que vários textos bíblicos insistam em ressaltar que, ao contrário dos ídolos e deuses dos outros povos, Javé tem olhos e vê.

A fim de aprofundar essas questões e descobrir até que ponto o “olhar” representa um elemento fundamental para nossa identidade, esta reflexão propõe explorar o assunto por meio de alguns relatos bíblicos. Embora sejam muitos os olhares que aparecem na Bíblia, três em particular poderiam ajudar nesse propósito, especialmente diante de nossas realidades contextuais e da realidade global. Por fim, esta reflexão tem como objetivo fornecer elementos para ler os desafios de nosso ambiente e seu impacto em nossos ambientes concretos e,

acima de tudo, ajudar a despertar novas respostas que nos levem a (re)encontrar nossos irmãos e irmãs.





**2. SANSÃO:  
O OLHAR FOCADO  
EM SI MESMO**

Um homem forte, esbelto e de cabelos compridos, temido por suas façanhas, o próprio estereótipo de um super-herói, Sansão é talvez um dos personagens mais conhecidos da Bíblia. Trata-se do último dos personagens principais do livro dos Juízes, suscitado por Deus dentre o povo para liderar Israel e defendê-lo dos filisteus. Não há dúvida de que Deus tem os olhos fixos em seu povo, mas não como um mero espectador: embora eles “tenham feito o que era mau aos olhos do Senhor” repetidas vezes, é por meio de Sansão que Javé age mais uma vez em favor dos israelitas. É isso que a imagem de Sansão pretende ser: a presença ativa de Deus no meio do povo.

Essa saga mostra com sinais, muito mais vivos do que em outros casos, como Deus está presente na história do povo e do próprio Sansão. Assim, desde antes de seu nascimento, Deus providencia tudo para que Sansão seja consagrado a seu serviço; depois, ao longo de sua vida, o Espírito de Deus sempre vem incondicionalmente sobre ele; finalmente, Deus também o assiste no último esforço que o levará à morte.

Graças à força proveniente de Deus, Sansão realiza feitos incríveis: caça 300 raposas, mata um leão e 30 homens de Ascalon com as próprias mãos, e depois mil homens com a queixada de um asno. Sua força é sobrenatural, assim como sua capacidade de destruição.

### **Uma leitura alternativa da saga de Sansão**

No entanto, para dizer a verdade, Sansão é muito presunçoso e arrogante. Analisando sua história em detalhes, pode-se até dizer que ele passa por um narcisista. Seus grandes feitos não acabam sendo para o povo ou para Deus, mas giram em torno de si mesmo: ou quer mostrar seu talento para o espetáculo, ao despedaçar o leão com as próprias mãos (cf. Jz 14, 6); ou desafiando-o com sua adivinhação (cf. Jz 14, 12-13); ou suas ações são um reflexo de sua decepção porque a realidade não

corresponde às suas expectativas, matando 30 homens para pagar sua aposta (cf. Jz 14, 19); ou se trata de uma resposta ante o fato de que ele não é capaz de cumprir seus desejos caprichosos, como quando ele queima as plantações com as 300 raposas, porque a mulher que ele desejava foi dada a outro homem (cf. Jz 15, 1-5). Da mesma forma, em seus relacionamentos, ele é questionável: no limite do engano, age pelas costas de seus pais (cf. Jz 14, 6.9); terceiros pagam por seus próprios erros, incluindo sua esposa e seu sogro, queimados pelos filisteus em retaliação pela queima das plantações (cf. Jz 15, 6); seu trato com as mulheres vai contra as tradições de seu povo e ele age de forma caprichosa e instável (cf. Jz 14, 3.7-8; 15, 1-3; 16, 1); e até mesmo obriga Deus a se curvar a seus desejos, fazendo-o abrir uma fonte de água para saciar sua sede (cf. Jz 15, 18-19).

À luz disso, vemos como os atributos de Sansão desembocam em atos desproporcionais para exaltar, não o nome de Deus, mas o seu próprio nome, e também resultam em represálias inescrupulosas e lamentáveis. Em resumo, o que Deus lhe deu, ele coloca a serviço de si mesmo e não dos demais. Enquanto o povo é afligido pelos filisteus, Sansão olha para o outro lado: ele está olhando para as mulheres (cf. Jz 14, 1; 16, 1), concentrado em sua própria satisfação, cego para a dor e a destruição que estão se espalhando em seu caminho. Assim, embora ele finja que o favo de mel que encontra nos restos do leão que despedaçou (cf. Jz 14, 8) represente que “do que come saiu comida, e do forte saiu doçura” (cf. Jz 14, 14), o que é apenas uma prova de que ele vê nos despojos da destruição um deleite. Sansão tem olhos apenas para si mesmo!

No final, depois de ter seu cabelo cortado, porque ele

mesmo revelou o segredo de sua força, os filisteus arrancam seus olhos. Seria de se esperar que ele finalmente enxergasse o seu interior, mas, na verdade, ele acaba buscando vingança novamente, erroneamente em nome de Deus ou de seu povo, pois mais uma vez ele age em seu próprio nome: “Senhor, meu Deus, lembra-te de mim e dá-me forças só desta vez, para que eu me vingue de um só golpe dos filisteus pela perda dos meus olhos” (cf. Jz 16, 28). Mesmo quando seus olhos foram arrancados, não há dúvida de que Sansão tem olhos apenas para si mesmo. Seu fim, aparentemente heroico, revela a verdade que o guiou durante toda a sua vida: sua cegueira.

### **A reafirmação coletiva do eu**

Não é difícil ver na saga de Sansão uma correlação com nossa sociedade. Além disso, pode-se dizer que Sansão é o modelo que disseminou e

massificou o paradigma pós-moderno, sob essa busca pela reafirmação exacerbada e extrema do *eu*. Essa exaltação do ego, com resquícios do antiquado e nocivo heroísmo messiânico, ainda presente em muitos líderes, não é exclusividade dos tempos mais recentes, embora sua proliferação em larga escala o seja. Nesse sentido, corremos o risco de sermos sugados por esse turbilhão, e somos desafiados a apresentar a mensagem de Jesus como uma alternativa, enquanto estivermos imersos nessa realidade.

De fato, ao contrário do Evangelho, essa autorreferencialidade pressupõe a ignorância dos outros e do ambiente e, a partir daí, o desprezo e o desrespeito por eles. Mesmo que, nessa perspectiva, várias pessoas sejam reunidas em coletividades aparentes, suspeita-se que elas sejam mais uma extensão do *eu* (CV, 140): no centro há um egoísmo coletivo. Em tal ambiente, “as

outras criaturas não são reconhecidas em seu próprio valor, não há interesse em cuidar de algo para os demais, não há capacidade de estabelecer limites para evitar o sofrimento ou a deterioração de nosso ambiente” (LS, 208). Tudo o que está fora do *eu* perde seu encanto e fica diluído, tornando a pessoa cega e hostil ao que não serve como reflexo positivo do *eu*.

## Mercantilização da imagem

Junto com isso, é desafiador lidar com a sociedade da transparência mencionada pelo filósofo Byung-Chul Han, em que todos “são seus próprios objetos de publicidade. Tudo é medido em seu valor de exposição” (Han, 2013, p. 29). Enquanto sua esposa e depois Dalila precisam fazer esforços tremendos para obter os segredos de Sansão, hoje nos entregamos voluntariamente, exibindo-nos, expondo-nos por meio das redes sociais, e

assim somos objeto de controle social e vigilância: estamos diante do pan-óptico das telas onipresentes, imaginado por George Orwell em *1984*.

Exibir-se é o nome da liberdade hoje em dia, mostrar cada pequeno detalhe de nossa vida nos torna transparentes. Entretanto, enquanto nossa imagem é explorada, essa exposição permanente apenas nos queima, nos desgasta. Paradoxalmente, não apenas o outro, mas também a autenticidade do *eu* é anulada: a transparência acaba nos tornando invisíveis e nossa própria essência desaparece.

### **As emoções autorreferenciais**

Quem está acostumado a que tudo seja um reflexo positivo de si mesmo, quando o ambiente não lhe convém e não é tratado como sente que merece, não é incomum que a crescente insatisfação e decepção

levem a explosões de raiva destrutiva, revanchismo e vingança (Nussbaum, 2019, p. 104). Assim, o Papa Francisco ressalta que “quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam em sua própria consciência, aumentam sua voracidade” e isso “só pode levar à violência e à destruição recíproca” (LS, 204). Como Sansão, devastamos nosso ambiente, enquanto o *metaverso* nos é apresentado como um refúgio que conforta e maravilha, um palco para reconstruir nosso *eu* perdido.

Por fim, embora se possa dizer que Sansão não passa da versão bíblica de Narciso, a presença permanente de Deus nessa história significa que a dimensão religiosa desempenha um papel fundamental. Sansão nos mostra que Deus também pode ser subordinado ao *eu* onipotente (cf. Jz 16, 28). Mesmo que nosso discurso transborde com o nome de Deus, de celebrações religiosas e referências bíblicas,

somos propensos (mais do que imaginamos) a colocar Deus a nosso serviço. De fato, “onde há muito ego, há muito pouco Deus” (Francisco, Ângelus, 23 de outubro de 2022).

### **Um olhar *auto-transcendente***

Finalmente, parece que estamos condenados a nos curvar diante do peso desmedido de nosso ego pomposo. A transparência não apenas nos queima com a superexposição, mas também queima nossos olhos. Precisamos de novos olhos, mas também de uma nova maneira de olhar para nós mesmos.

João Batista de La Salle, para nos lembrar de parte da essência de nossa identidade, nos pergunta novamente hoje: “O que significa não olhar para nada a não ser com os olhos da fé”? Devemos nos voltar para suas palavras: “Considerar as

criaturas apenas como Deus as conhece e como a fé deseja que sejam consideradas” (CT 11, 2, 4). Sua resposta pode ficar mais clara ao revisitarmos a história de Sansão.

Mesmo antes de nascer, Sansão já era consagrado a Deus e tinha um plano de salvação para seu povo (cf. Jz 13, 5). Considerar-nos “como Deus nos conhece e como a fé quer que sejamos considerados” requer que nos entendamos como consagrados por Deus para sermos a presença Dele no nível de seu projeto de salvação. É a isso que São João Batista de La Salle também se referia quando chamou os professores – e não apenas os Irmãos – de ministros de Jesus Cristo: uma função social que ainda é incomum no coração de nossa Igreja e um elemento muito poderoso da marca de nossa identidade lassalista. Dessa forma, compreendemos que o sentido de nossa vida nos leva para fora

de nós mesmos, e que estamos inseridos em algo que nos ultrapassa.

Nessa linha, para combater a autorreferencialidade, o Papa Francisco propõe a auto-transcendência. Essa é “a raiz que torna possível todo cuidado com os outros e com o meio ambiente, e que provoca a reação moral de considerar o impacto de cada ação e de cada decisão pessoal fora de si mesmo” (LS, 208). Tudo isso só é possível por meio do fortalecimento da interioridade, da autocrítica, da leitura e da meditação. Dessa forma, podemos nos entregar à contemplação, que “nos leva ao silêncio, à observação e à capacidade de olhar com olhos diferentes” (D MEL, 3.3).

# 3. A MULHER DE LÓ: UM OLHAR OUSADO E DESAFIADOR



Outro olhar vem do livro do Gênesis e se encontra nos olhos de uma mulher, em meio a uma imagem emblemática: a destruição de Sodoma e Gomorra. Lá, a esposa de Ló, fugindo contra todos os avisos, olhou para trás e foi transformada em estátua de sal. Compreender o contexto desse cataclismo pode nos ajudar a ter uma perspectiva melhor dessa cena deslumbrante e intrigante.

### **Sodoma e Gomorra vistas de outra margem**

Em primeiro lugar, o relato dos capítulos 18 e 19 do livro do Gênesis não fornece muitas informações sobre os motivos da destruição de Sodoma e Gomorra. Deus visitou Abraão na presença de três homens para anunciar que ele teria um filho com Sara, já bastante idosa, a qual não pode deixar de rir-se dessa possibilidade. No final dessa cena, os homens se levantam de repente, olham para Sodoma e, referindo-se

ao crescente “clamor contra Sodoma e Gomorra”, declaram sua intenção de dirigir-se para lá (cf. Gn 18, 16-22). No entanto, não é especificado a qual clamor eles estão se referindo, nem há um desejo expresso de destruir esses povoados. É Abraão quem intervém para mencionar insistentemente a destruição, e começa a travar um diálogo com os homens em torno dessa ideia (cf. Gn 18, 23-33).

Para esclarecer as motivações subjacentes, vale a pena entender a que se refere esse “grito contra Sodoma e Gomorra”. Ao tentar decifrar esse detalhe enigmático, uma tradição judaica explica:

***Em Sodoma, eles lançaram esta proclamação: ‘Quem estender a mão com um pedaço de pão para o pobre, o estrangeiro ou o necessitado será queimado no fogo’. Paltith, filha de Lô [...] viu um homem miserável deitado em uma rua da cidade, e seu coração se encheu de compaixão por ele. [...] Todos os dias, quando saía de casa para buscar água, colocava em seu cântaro todo tipo de alimento de sua casa, e assim sustentava o pobre homem. Os homens de Sodoma [...] ouviram falar disso e trouxeram Paltith para queimá-la. Ela clamou: ‘Deus do mundo, defenda meu direito e minha causa contra os homens de Sodoma’. Seu clamor chegou até o Trono da Glória, e o Santo, bendito seja, disse: ‘[...] se os homens de Sodoma agiram como esta moça denunciou, eu colocarei a cidade de pés para cima e de cabeça para baixo.’***

(PRE 25,3)



De acordo com essa tradição, foi o clamor de Paltith, a filha de Ló, que provocou a intervenção divina.

Mais adiante, o livro do profeta Ezequiel retoma parte dessa tradição e afirma: “Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e abundância de ociosidade tiveram ela e suas filhas; e não fortaleceu a mão do pobre e do necessitado” (cf. Ez 16, 49). Essa explicação é particularmente notável porque supera, desde tempos antigos, a tradicional acusação contra os “costumes” de Sodoma e Gomorra.

### **Desafiar a violência com o olhar**

Mesmo assim, parece que a história esconde o que René Girard afirmou: “Para mobilizar a violência, é preciso demonizar aquele que quer se tornar a vítima” (2002, p. 82). A história rabínica sobre

Paltith, a filha de Ló, mostra o olhar condenatório que é lançado sobre a misericórdia, mas o faz com a intenção de apontar a iniquidade de Sodoma. De uma forma ou de outra, buscase justificar a destruição, bem como a punição da esposa de Ló, situações que não deixam de ser ambíguas. Em si, o texto esconde a rejeição de uma determinada população, concentrada nesse caso nas duas cidades que serão arrasadas. Talvez seja a justificativa da violência que esteja em questão e que, no final, continua sendo inexplicável.

Nesse sentido, é possível pensar que a esposa de Ló está desafiando essa violência com o seu olhar. Igualmente desafiadoras são Sara, com seu riso, e Paltith, com sua decisão de ajudar os pobres, contrariando a ordem de seu povo. Embora se possa acusar o olhar da esposa de Ló de bisbilhoteiro, ele é bem mais compassivo.

Transformada em estátua de sal, ela é solidária com nossos tempos, e seus olhos voltados para o passado nos mostram para onde olhar. De fato, por que desviar nosso olhar da violência?

## O olhar de Deus

Não resta dúvida de que, ao longo da história, Deus tem olhado para os pobres e justos que sofrem e para suas condições. Com seu olhar, que O leva a ter compaixão e a agir em favor de seu povo, Deus nos convida a imitá-Lo. A situação atual dos ambientes urbanos e sobretudo rurais em nossos países, bem como as circunstâncias políticas locais e globais levanta gritos que só podem nos fazer voltar nossos olhos para eles, exigindo ação.

Certamente, há uma preocupação com essas situações em nossas sociedades, mas ela nem

sempre é orientada para uma solução, mas sim para a justificativa, a ocultação ou a negação. Os meios e as estratégias usados para desviar nossa atenção e nos distrair do drama humano são múltiplos. Se apela ao medo, à desconsideração pelos outros ou à promoção de interesses egoístas.

Seria fácil encontrar sinais disso no caso de Ló e sua família, que foram advertidos a não olhar para trás. Também não é difícil encontrar sinais disso em muitos grupos de nossa sociedade, onde a autorreferencialidade nos priva de uma perspectiva ampla da vida em sociedade, de suas necessidades e desafios. Nesses grupos, é possível perceber a massificação dos indivíduos em um egoísmo coletivo e uma certa solidariedade negativa e reacionária diante de ataques a um membro ou ao grupo. Novamente, esses coletivos são apenas uma extensão do *eu* (CV, 168).

## A solidariedade negativa das massas

A esse respeito, Arendt ressalta que não é a imposição de ideias que une e desencadeia esses grupos. Pelo contrário, é a “atomização social e a individualização extrema”, combinadas com uma atmosfera de indiferença às questões sociais e a pretensa neutralidade política, que estão na raiz dos movimentos de massa. Embora sejam movidas por um interesse comum, as massas são dominadas pelo interesse individual. Assim, renuncia-se a uma verdadeira consciência coletiva e se dá lugar a uma “solidariedade negativa” que ignora os outros, destruindo o tecido social e rompendo as relações interpessoais (Arendt, 1998).

A ausência de uma consciência coletiva real e de uma solidariedade efetiva ameaça e põe em risco nossa humanidade. De fato, em tais ambientes de desinteresse pelo outro, surgem facilmente discursos baseados no medo direcionados para aqueles que vagamente se identificam como culpados por sua própria dor. Gradualmente, eles também resvalam para expressões de rejeição, ódio e violência contra qualquer um que, pensando diferente, seja percebido como uma ameaça (Nussbaum, 2019). Ali, o olhar é barrado pela opacidade de um ego ferido que, em vez de descobrir o outro, inventa-o, dando-lhe a forma dos próprios medos e acaba por torná-lo um monstro de acordo com sua etnia, tom de pele, idioma, religião, local de origem, *status* social, costumes, entre outros: a demonização que mobiliza a violência.

## Vire-se e olhe com atenção

Esse “enfoque das realidades sociais das periferias existenciais e sociais” a que se refere a Declaração sobre a Missão Educativa Lassalista é o meio privilegiado para nos contrapormos à atomização social, à individualização extrema, à indiferença em relação às questões sociais e à neutralidade política. É por esse meio que podemos redescobrir a realidade e a responsabilidade social que nos dizem respeito. É por isso que nossas obras requerem não apenas ambientes de respeito e ordem, mas também “ambientes que promovam a solidariedade e situações que nos permitam visualizar, valorizar e prever o impacto e a responsabilidade social gerados pelas decisões pessoais e coletivas”. De mãos dadas com a identidade lassalista, devemos ser fiéis à nossa tradição e entender que o exercício dos

direitos e o cumprimento dos deveres devem resultar no fortalecimento do tecido social, na participação nos processos democráticos, no interesse pela política e pelos políticos e, principalmente, na adoção de uma ética cívica, distante da corrupção perniciosa de nossos Estados (D MEL, 4.3).

Cabe mencionar aqui que, nesse sentido, a verve e o entusiasmo das mulheres envolvidas no relato bíblico em questão dizem muito sobre o quanto é decisivo tomar a iniciativa, exatamente na linha do convite do *Projeto Fermento*.<sup>1</sup> Sara, as filhas de Ló (incluindo Paltith) e também a esposa dele expressam sua inconformidade com o estado das coisas e tomam atitudes decisivas e desafiadoras que marcam e trazem novos

.....  
<sup>1</sup> “Queremos convidar cada lassalista a iniciar o quanto antes o espírito do Projeto Fermento, sem esperar por planos comunitários ou institucionais” (PL 10)



cenários.<sup>2</sup> Esse papel feminino específico não pode passar despercebido, mas precisa ser reconhecido, exaltado e imitado.

No caso específico da esposa de Ló, trata-se de voltar-nos e olhar com atenção, desafiando o convite constante e incisivo para negar, justificar ou ocultar a verdade em nossa sociedade. Mesmo quando isso é socialmente suspeito, repreensível e desaprovado, o evangelho nos exorta a tomar o partido das vítimas e a renunciar à agressão e à beligerância. Mas, acima de tudo, somos chamados a voltar nosso olhar não apenas para os lugares e corpos onde a violência ocorre, mas para a própria violência.

Nessa linha, o escritor francês Edouard Louis, que dedicou vários de seus escritos a esse assunto, afirma que, para desfazer a violência, é necessário

.....  
<sup>2</sup> Para o caso das filhas de Ló e sua iniciativa incomum, ver Gn 19, 30-38.

falar sobre ela. Dessa forma, é possível desmascará-la, questioná-la e também confrontá-la e combatê-la. Por mais paradoxal que possa parecer, “quanto mais falamos sobre violência, mais desfazemos a violência no mundo, mais oportunidades temos de produzir beleza” (Louis, 2018).

### **Um olhar revelador e redentor**

Sem esse olhar que se aproxima e se compadece, é impossível responder à exortação, ainda viva e ressonante, de São João Batista de La Salle: “Reconhecei Jesus sob os pobres trapos das crianças que deveis instruir; adorai-o nelas [...]. Esse será o meio pelo qual o divino Salvador se sentirá à vontade entre vocês e pelo qual vocês o encontrarão” (Med. 96, 3). As crianças pobres e sem instrução são os desprivilegiados entre os desprivilegiados, os despojos de uma violência

estrutural que não considera nem defende aqueles que não têm capacidade de produção ou aquisição, que favorece a acumulação, o lucro e o conforto dos ricos; em última instância, que tira dos seres humanos toda a dignidade. Essas crianças, órfãs de guerra, naufragadas no Mediterrâneo, deslocadas pela violência, sem documentos, habitantes de campos de refugiados e favelas, são vítimas desse outro olhar que, de acordo com Walter Benjamin, “só está pronto para perceber o progresso da dominação sobre a natureza, não os retrocessos da sociedade” (2020, p. 26).

Somente um olhar desafiador e penetrante pode descobrir Jesus nessas crianças, na medida em que ele se recusa a alimentar o medo, a ignorar e desconsiderar a dor, a justificar a violência e, ao contrário, tem compaixão pelo sofrimento, renunciando, assim, à falácia de uma salvação intimista,

desligada da realidade dos outros. Por isso, esse olhar é capaz de perceber “sob os trapos das crianças pobres” não apenas um Jesus sofredor, mas, acima de tudo, também atualiza ali a sua ressurreição, o mistério pascal. Portanto, como adverte De La Salle, “esse será o meio pelo qual o divino Salvador se sentirá à vontade entre vocês, e pelo qual vocês o encontrarão”.

Nesse sentido, quanto mais ousarmos nos voltar e fixar nossos olhos na violência do mundo, mais essa capacidade reveladora da ressurreição nos oferecerá “mais oportunidades de produzir beleza”. Onde os outros veem apenas a morte, nós descobrimos e abraçamos a beleza desbotada pela violência: uma capacidade criativa de responder aos desafios do mundo. É por isso que, além de sermos desafiadores, compassivos e desprovidos de medo, o nosso olhar deve ser redentor, aquele próprio da nossa identidade lassalista, a partir do qual

somos capazes de reescrever a história, com nossas ações, em chave teológica: uma história redentora. A revitalização de nossa missão e de nossa tradição depende desse “testemunho” e dessa atualização do mistério pascal.



**4. O SAMARITANO:  
UM OLHAR DE  
DENTRO PARA FORA**

Uma história mais familiar para nós é a do samaritano que ajudou um homem meio morto na beira da estrada. Na cena, o moribundo é visto por um sacerdote, um levita e um samaritano (cf. Lc 10, 31-33), mas somente este último decide ajudá-lo. São três olhares, e não há como distingui-los adequadamente, apenas as reações que provocam.

Muito tem sido dito sobre os possíveis motivos pelos quais os dois primeiros não prestaram assistência. Para alguns, é provável que a reação deles estivesse relacionada ao seu trabalho no templo. A julgar pelos ferimentos, o homem provavelmente estava sangrando, e entrar em contato com seu sangue significaria que ele estaria impuro, impedindo que o sacerdote e o levita exercessem sua função no culto.<sup>3</sup> Isso explicaria a reação deles de “passar pelo lado oposto”.

Pelo contrário, o samaritano sente compaixão. De fato, o verbo grego usado ali (*splagchnízomai*) é derivado do termo vísceras ou entranhas (*splágchna*), e significa literalmente “estremecer desde as entranhas”. É surpreendente que esse verbo seja usado pelos evangelistas exclusivamente para descrever a reação de Jesus ao sofrimento das pessoas,<sup>4</sup> e somente aqui ele é atribuído a outra pessoa, o samaritano.

.....

**3** Sangue, assim como outros fluídos corporais, impurificam as pessoas e coisas que entram em contato com ele.

**4** Mt 9, 36; 14, 14; 15, 32; 18, 27; 20, 34; Mc 1, 41; 6, 34; 8, 2; 9, 22; Lc 7, 13; 15, 20.

É essa reação, vinda do interior, que faz a diferença. Dela decorrem as ações subsequentes, concatenadas entre si: ele foi curar as feridas do homem, colocou-o em seu animal de carga e o levou a uma pensão onde cuidou dele e, depois de lhe dar dinheiro para cobrir suas despesas, pediu ao dono da pensão que cuidasse do homem. Além disso, em todos os momentos, o samaritano faz uso de seus próprios recursos: cura o homem com o que tem à mão (vinho e óleo), carrega-o em seu próprio animal e paga as despesas da pensão com seu próprio dinheiro.

Também convém lembrar que essa história surge da pergunta de um mestre da lei que, sobre o tema “amar o próximo”, quer saber “quem é o meu próximo” (Lc 10, 27-29). Depois de propor esse cenário imaginário, Jesus finalmente devolve a pergunta ao mestre da lei: “Qual dos três você acha que era o próximo do homem que estava

meio morto na estrada?”, mas ele não consegue responder “o samaritano”, e sim “aquele que o tratou com misericórdia” (Lc 10, 36-37). Deve ter sido difícil para ele reconhecer que nem o sacerdote, nem o levita agiram com misericórdia, especialmente porque os samaritanos e os judeus não se davam bem uns com os outros, chegando ao ponto de se odiarem amargamente.

De acordo com o dito acima, devemos observar a reviravolta que Jesus habilmente dá à situação: não se trata de uma questão de “quem é meu próximo”, mas “de quem eu me torno próximo?” Dessa forma, Jesus desvia o olhar, como se quisesse indicar que todos nós somos vizinhos uns dos outros. Mas, como somos seletivos em nossos relacionamentos, estamos na verdade nos distanciando uns dos outros. Portanto, se estivermos falando de critérios, teríamos que dizer que, além do afeto,

devemos estar próximos de quem, estando próximo de nós, precisa de ajuda. É por isso que o samaritano é o ícone da solidariedade e da compaixão, sem grandes considerações.

### **Piedade, compaixão e semelhança**

Não muito longe dessa imagem, em meio ao afã do Iluminismo de enfatizar a soberania da razão, Rousseau ousou afirmar que, acima da razão, o que é propriamente humano está na piedade. Entendida como “a repugnância inata de ver o próximo sofrer”, essa virtude “precede o uso de toda reflexão” (Rousseau, 1755, p. 74). Entretanto, segundo ele, essa reação irrefletida em favor do sofredor é atenuada, e até mesmo eliminada, quando é precedida precisamente pela razão. Assim, em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade de condições entre os homens*, Rousseau ilustra com alguns exemplos como a simpatia

pelo sofredor é mais característica daqueles que poderiam ser rotulados como faltos de razão, enquanto os instruídos tendem a se retirar e se afastar. Visto dessa forma, o “sentimento de humanidade” não se baseia propriamente na razão, que reforça o senso de individualidade, mas na piedade ou na compaixão, que leva a pessoa a ajudar o sofredor.

Não se trata de uma dicotomia antagônica entre piedade e razão, mas de reconhecer que “somente a razão é capaz de aceitar a igualdade entre os seres humanos e de estabelecer uma convivência civilizada entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade” (CIV, 19). Portanto, é importante entender o que desperta a comisseiração. Se ela for apresentada em termos do sofrimento de um ser humano semelhante, depende – como no caso da história do samaritano – da capacidade de reconhecer no outro um ser humano semelhante ou, melhor

ainda, que seja reconhecido como um ser humano semelhante. De fato, para Rousseau, a comiseração é mais forte quanto mais o espectador se identifica com o sofredor (Rousseau, 1755, p. 78). Portanto, se o semelhante é aquele que é como nós mesmos, reconhecer o outro significa reconhecer a si mesmo, e essa identificação dependerá de nosso autoconceito.

A questão é que, sob um autoconceito saturado e blindado com base em critérios de etnia, tom de pele, idioma, religião, local de origem, *status* social, costumes, nível econômico, entre outros, o que é essencialmente humano fica desvanecido. O semelhante acaba sendo definido pelo que se acredita que ele seja ou deveria ser, ou pior ainda, pelo que almeja ser. Tais padrões apenas delimitam e restringem a identificação e a proximidade com os outros: apesar de sermos humanos, nem todos seremos semelhantes uns aos outros.

Disso resulta que a semelhança é igualada pela dessemelhança, um princípio que leva a ignorar o outro, a desumanizá-lo a ponto de demonizá-lo, justificando sua rejeição e desprezo e até mesmo, como já foi dito, a tolerar a violência contra ele. Muito provavelmente há algo dessa ignorância nos olhares e reflexões do levita e do sacerdote, que os fizeram “passar pelo lado oposto”; e essa mesma ignorância do outro é o que atualmente satura e divide nossas sociedades. É por isso que a crise que estamos vivendo, como vários pensadores – incluindo o Papa Francisco – já apontaram, é na realidade uma crise de humanidade. Longe de “transcender todos os preconceitos e todas as barreiras históricas e culturais” (FT, 83), a impossibilidade de se identificar intimamente com o outro e reconhecer nele um ser humano semelhante está se propagando em nosso ambiente.

## Identificar-se com a outra pessoa

Dito dessa forma, parece claro que nesse estremeamento interior diante do sofrimento alheio está pelo menos um elemento essencial e ideal para o estabelecimento de uma sociedade humana. Entretanto, embora a atitude oposta seja a crueldade, na verdade a indiferença é mais perversa. De fato, a crueldade pode ser apontada, denunciada e julgada, enquanto a indiferença tende a passar despercebida, porque não é prejudicial em si mesma, não inflige danos diretos. A indiferença é perniciosa porque aliena e é acomodada e inativa.

Assim, essa passividade que não decide agir resolutamente em favor da justiça (Nussbaum, 2019, p. 276) apresenta a renúncia à indiferença como uma tarefa primordial. Trata-se de um processo que envolve sensibilidade à realidade dos outros, e parte do reconhecimento e da

redescoberta do outro. É um caminho genuíno de reconversão que começa no interior de cada pessoa.

Identificar-se com os outros exige renunciar a si mesmo, livrar-se das armadilhas que ocultaram a própria identidade, deixar de lado o que se acredita ser e tornar-se anônimo. O exemplo mais óbvio disso é encontrado em Jesus, a *kenósis* por excelência: nele, Deus renuncia à sua divindade para assumir a condição humana, despojando-se de si mesmo e tornando-se semelhante a nós (cf. Fl 2, 6-7). Algo semelhante pode ser encontrado no processo de conversão de São João Batista de La Salle que, sem dúvida, inspirado por essa experiência de esvaziamento, despojou-se gradualmente não só de seu patrimônio, mas também de tudo o que lhe teria garantido um futuro aparentemente promissor.

Temos que reconhecer neste elemento próprio de nossa identidade cristã e lassalista, que somente abandonando nosso apego ao acessório é possível descobrir nos outros o rosto da humanidade que nos torna semelhantes. É por isso que temos a sensibilidade de reconhecer a *presença permanente de Deus* nas outras pessoas, especialmente “sob os trapos das crianças pobres”; é por isso que, com razão, damos vida à fraternidade que nos caracteriza. Caso contrário, não conseguiremos nem mesmo nos encontrar, pois o reconhecimento do outro nos leva a nos reconhecermos a nós mesmos.

### **Educar para a compaixão a partir da samaritaneidade**

Entretanto, educar para a comiseração é uma questão realmente desafiadora. Por ser um processo de reconversão pessoal, depende da própria vontade. Educar na interioridade é uma estratégia fundamental

que ajuda a desmontar a autorreferencialidade, caminhando em direção à autotranscendência, em ações concretas. Mas é preciso ter sempre em mente que “a ética e o ético-religioso devem ser comunicados existencialmente e em direção ao existencial” (Kierkegaard, 2017, pp. 80-81). Nesse sentido, a relacionalidade e o experiencial devem estar na base ao estimular o conhecimento da realidade global em todas as suas dimensões, fomentando práticas colaborativas com outros atores – e não apenas entre os lassalistas –, conscientizando sobre o sofrimento e as estruturas injustas e despertando o desejo de participar da construção de sociedades mais justas e fraternas (Silvestrini, 2021, p. 39).

Essa perspectiva deve continuar alimentando nossa missão e identidade. Certamente, em nossas obras, não fornecemos apenas instrução acadêmica, mas orientamos para uma formação integral, a partir do

encontro “de um ‘eu’ para outro ‘eu’” (Kierkegaard, 2017, p. 83). Nessa linha, diante da crescente desumanização de nossas sociedades, nossa responsabilidade é continuar orientando os processos educativos em função desse senso de humanidade, para que esse instinto de compaixão pelo sofrimento dos outros não seja sufocado. Nossas obras precisam assumir com mais empenho, força e relevância a samaritanidade como compromisso social, e sobretudo existencial, conscientes de que, como insiste o Papa Francisco, “todos temos responsabilidade pelos feridos que são as próprias pessoas e todos os povos da terra”. E temos que cuidar “da fragilidade de cada homem, de cada mulher, de cada criança e de cada idoso, com essa atitude de solidariedade e de atenção, a atitude de proximidade do bom samaritano” (FT 79).

## Solidariedade coletiva e responsabilidade política

A atitude do levita e do sacerdote mostra claramente que olhar para o sofrimento não é suficiente. Tampouco é suficiente simplesmente estremecer do fundo do coração, mas é preciso agir. Como o samaritano, é necessário realizar ações que efetivamente mudem as múltiplas e diversas realidades do sofrimento.

Assim, a *samaritanidade* também é entendida como solidariedade. Entretanto, ela não pode ser assumida como uma tarefa individual, pois acabaria se tornando uma culpa insuportável. A solidariedade é uma tarefa coletiva, que também deve ser acompanhada de responsabilidade política (Arendt, 1990, p. 69). De fato, o samaritano inicialmente cuida do homem ferido, mas certamente ele também tem outras responsabilidades que não

pode abandonar. Por isso, ele envolve o dono da pensão, confiando a ele os cuidados com o homem ferido.

Consequentemente, temos que usar nossa “criatividade missionária” (cf. EG, 28) para fortalecer o princípio da solidariedade que, desde o início, tem sido a identidade de nosso carisma. Por um lado, é verdade que nossa missão, entendida como uma responsabilidade comunitária, deve nos levar a envolver cada vez mais todos os atores de nossas obras em ações de solidariedade, despertando e encorajando a compaixão pelo sofrimento do próximo. No entanto, essa mesma criatividade, que diante do sofrimento nos dá “mais oportunidades de criar beleza”, também deve nos levar a continuar encontrando outros caminhos para a missão além de nossas escolas e universidades. É nosso dever evitar chegar a um ponto em que nosso “saber fazer”, após mais de 300 anos de tradição,

se cristalice em estruturas tão sólidas e rigidamente arraigadas que acabem nos imobilizando e nos fazendo “passar pelo outro lado” ante nossos semelhantes. Esse é um incentivo para recriar o serviço educativo aos mais pobres em cenários desafiadores, que nos desloquem, com novas modalidades e novos conhecimentos a serem democratizados e novas formas de estabelecer comunidades educativas.

Por outro lado, não podemos esquecer que nossas obras fazem parte de redes locais, nacionais e regionais, bem como de uma grande rede global: temos que continuar a tomar medidas para passar do “ter redes” para “agir em rede”. Dessa forma, geraremos novas iniciativas de solidariedade em uma escala maior, que reflita não apenas nossa corresponsabilidade mútua – de natureza bastante endógena –, mas também nosso desejo de participar de outros projetos com atores



e agentes externos, para compartilhar nossa experiência e aprender com os outros. Essa é uma ferramenta poderosa, ainda não suficientemente explorada, que ampliará nossa faixa de defesa e impacto e, acima de tudo, nos revitalizará ainda mais.

Assim como o *Projeto Fermento* nos exorta a “caminhar e sair com nossa própria vulnerabilidade, com nossos limites, com nossas próprias fragilidades, com nossa própria pobreza” (PL 13), temos que multiplicar nossos esforços para ir “além da escola”, para ir ao encontro dos que sofrem e entrar em contato com eles. Longe de simplesmente recriar a cena do samaritano, trata-se de criar para nós mesmos outras histórias significativas na vida das crianças, dos jovens e de seus pais, dos professores, dos Irmãos e dos colaboradores, enfim, na vida de todos os membros da Família Lassalista. As imensas possibilidades que temos

para isso encontram sua força nas raízes de nossa identidade, e convergem em torno de um propósito comum: não de uma humanidade sofredora, mas de uma humanidade compassiva, que se move a partir do ângulo e se atreve a agir, consciente de uma identificação plena e íntima com o outro, em quem reconhecemos nosso próximo e a quem chamamos destemidamente de “irmão”.

# 5. COM NOSSO OLHAR VOLTADO PARA DEUS





A seu modo, essas três histórias nos convidam a superar o olhar egocêntrico que, em nosso tempo, insiste de forma tão aberta e incisiva em focar em nós mesmos. Pelo contrário, olhar para nós mesmos deve nos levar a nos reconhecermos como presença de Deus e parte ativa do plano de seu projeto salvífico. Um plano que nos ultrapassa e nos faz entender que somos convocados para fora de nós mesmos, renunciando assim à falácia de uma salvação intimista.

A partir daí, não podemos deixar de lançar um olhar crítico sobre nosso ambiente e sobre os ideais de progresso que, ao despojar os mais desfavorecidos de sua dignidade, procuram ocultar os retrocessos de nossa sociedade. Nesse espírito, somos chamados a revelar o mistério pascal na violência e em suas vítimas, os mais pobres entre os pobres. Essa atualização da certeza do Jesus vivo, ressuscitado e atuante alimenta a convicção de que nossa ação reescreve uma história redentora dia após dia.

E como a redenção depende mais da misericórdia do que do julgamento, é somente em um olhar compassivo que pode residir a esperança da (re)construção de um senso de humanidade. É por isso que essa mesma compaixão nos compromete a contagiar os outros com esse “estremecimento das entranhas”. A partir da redescoberta do outro e do estabelecimento de relações fraternas, temos que correr o risco de sair ao encontro do sofrimento e criar outras histórias significativas que deem origem a uma humanidade compassiva, e assim continuar sendo um sinal de fraternidade vivida.

Finalmente, incorporado em nossa identidade, como parte de nosso DNA lassalista, está um modo particular de ver. Ter “nossos olhos fixos em Deus” não deve ser entendido como a contemplação de uma transcendência fora deste mundo, fixada no céu. O próprio Deus, em sua humilhação, fez-se carne e *habita* entre nós como uma profunda imanência. Portanto, as mesmas pessoas que perguntaram aos discípulos após a ascensão “**Por que vocês estão aí parados, olhando para o céu**” (At 1, 11), agora estão perguntando a cada um de nós:

“

**E você,  
para  
onde  
dirige o  
seu olhar?**

”





## Referências:

- Arendt, Hannah. *Hombres en tiempos de oscuridad*, Gedisa, Barcelona, 1990.
- Arendt, Hannah. *Los orígenes del totalitarismo*, Taurus, Madrid, 1998.
- Francisco. *Ángelus*, Plaza de San Pedro, domingo 23 de octubre de 2022.
- Gerson, Sam. *The Myth of Samson: Omnipotence, Alienation and Destructive Narcissism*. *Studies in Gender and Sexuality*. 2011 (12). 89-96.
- Girard, René. *Veo a Satán caer como el relámpago*, Anagrama, Barcelona, 2002.
- Han, Byun-Chul. *La sociedad de la transparencia*, Herder, Barcelona, 2013.
- Han, Byun-Chul. *No-cosas: quiebras del mundo de hoy*, Taurus, Bogotá, 2021.
- Kierkegaard, Søren. *La dialéctica de la comunicación ética y ético-religiosa*, Barcelona, Herder, 2017.

- Louis, Edouard. « J'ai voulu écrire l'histoire de la destruction d'un corps », en *Médiapart*, (<https://www.mediapart.fr/journal/france/160518/edouard-louis-j-ai-voulu-ecrire-lhistoire-de-la-destruction-d-un-corps>), 2018.
- Nussbaum, Martha. *La monarquía del miedo: Una mirada filosófica a la crisis política actual*, Paidós, Bogotá, 2019.
- Orwell, George. *1984*, Akal, Madrid, 2022.
- Rabbi Eliezer. *Pirke de Rabbi Eliezer: The chapters of Rabbi Eliezer the Great*, Morrison & Gibb, Scotland, 1916.
- Rousseau, Jean Jaques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*, Amsterdam, 1755.
- Silvestrini, Francys. « Búsqueda de lo trascendente », en: Herrera Contreras, Humberto Silvano; de Paula, Jorge Luiz; Chesini, Cláudia (Eds.). *Dicionário do Pacto Educativo Global*, ANEC, Curitiba, 2021.

## Siglas e abreviaturas:

**CIV:** Carta encíclica *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas, a todos os fiéis leigos e a todos os homens de boa vontade, sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade.

**CT:** Coleção de Pequenos Tratados.

**CV:** Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* do Papa Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus.

**D MEL:** Declaração sobre a Missão Educativa Lassalista: Desafios, convicções e esperanças.

**FT:** Carta encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco sobre a fraternidade e a amizade social.

**LS:** Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum.

**Med:** Meditações de La Salle.

**PL:** Projeto Fermento: Crescendo juntos no sonho lassalista.

**PRE:** Pirké de Rabbí Eliezer.







Irmãos  
das Escolas  
Cristãs

La  Salle



lasalleorg

[www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)

## REFLEXÃO LASSALISTA

### NÚMEROS ANTERIORES

- 2016  
1. Uma experiência de Evangelho
- 2017  
2. Um chamado muitas vezes
- 2018  
3. Lassalistas sem fronteiras
- 2019  
4. 300 anos de La Salle! Um Coração, um compromisso, uma vida!
- 2020  
5. Grandes coisas são possíveis
- 2021  
6. Você faz parte do milagre
- 2022  
7. A Utopia: um sonho possível!
- 2023  
8. DNA Lassalista  
O que nos impulsiona a servir



As fotografias são de escolas e obras lassalistas de diferentes partes do mundo, e pertencem ao arquivo fotográfico da Fundação La Salle, a quem expressamos nossa gratidão.